

A AMÉRICA E CUBA

por Mário Soares

Foi um acontecimento, que importa sublinhar, quando no funeral de Nelson Mandela, Barack Obama cumprimentou, com aparente simpatia, o Presidente de Cuba, Raul Castro, e tivessem trocado entre ambos meia dúzia de palavras cordiais. Mas quem os viu na televisão, não pôde ouvir o que disseram. Mas um tal gesto já não era sem tempo.

A situação de bloqueio contra Cuba não faz hoje qualquer sentido. Nem político nem económico, nem mesmo para os cubanos exilados nos Estados Unidos. E tem vindo a prejudicar inutilmente as relações entre os Estados Unidos e a América Latina, numa fase para ela de efectiva expansão.

Contudo, depois desse encontro, que se saiba, nada se passou. Embora muitos americanos, mesmo entre os republicanos, que são os mais reaccionários, por razões económicas, claro, consideram que é tempo de acabar com o bloqueio e de restabelecer relações normais, porque se assim acontecer, é útil no plano político, económico e turístico para ambas as partes e será aplaudido por toda a América Latina e, obviamente, pelos Estados da Ásia (China, Japão, Índia, etc.) e pela Esquerda, mas não só, da União Europeia.

Aliás, Cuba tem vindo a fazer um esforço inteligente para que haja uma abertura e relações bilaterais normais entre os dois Estados. O que é significativo e importante. A grande imprensa americana parece ter percebido isso e mesmo sectores conservadores de negócios, como por exemplo, o American Enterprise Institute, o Cato Institute e a revista Forbes.

O aumento de votos dos cubanos na Florida a favor de Barack Obama, oscila entre os 48 e os 52%. O que significa a vontade da flexibilização dos cubanos no exílio em favor de Obama e das relações entre os Estados Unidos e Cuba.

De resto, importa notar que Cuba tem feito um esforço enorme para permitir um relacionamento normal entre os dois Estados. Dou exemplos: a amnistia de 3 mil detidos políticos realizada com o auxílio da Igreja Católica cubana; o desenvolvimento de actividades económicas não estatais, hoje com muitos cubanos; cerca de 70% das terras cultivadas são hoje não estatais; os cubanos que querem sair de Cuba podem fazê-lo sem necessidade de uma permissão estatal; a legalização de várias religiões e não só a Católica; etc.

Portugal manteve sempre relações diplomáticas com Cuba. Mesmo durante a guerra civil em Angola quando os cubanos quiseram intrometer-se entre as duas partes. Mas isso é um passado distante. Não sei o que pensa hoje sobre o assunto o ministro dos Negócios Estrangeiros português e as ordens que dá, ou não, ao nosso Embaixador em Havana.

Contudo, o que interessa a Portugal é seguir a política do nosso querido Brasil que se tem batido, com Lula e a Presidente Dilma, sempre em favor da flexibilização das relações políticas, económicas e turísticas entre Cuba e os Estados Unidos.

Fui clandestinamente a Cuba, no tempo da ditadura portuguesa, no início do Governo de Fidel Castro, que nessa altura não conheci. No entanto, assisti a um discurso que fez às massas durante muito tempo. Como os transportes eram difíceis e escassos, passei lá cerca de um mês. Tive, por isso, ocasião de visitar toda a Ilha e tomar alguns banhos de mar. Cuba é uma Ilha lindíssima pela qual fiquei apaixonado, para sempre. E também pela sua população.

É por isso que compreendo muito bem a política do Brasil que tanto gosta de ajudar Cuba. Portugal, que sempre foi amigo de Cuba, devia insistir mais junto dos Estado Unidos para regularizar as relações com Cuba.

Lisboa, 23 de Janeiro de 2014